

boletim paradigma



vol 10
ago 2015

ISSN 2176-3445

Habilidades para a condução da terapia de grupo

Resenha do livro *B. F. Skinner: Uma Perspectiva Europeia*

Entrevista com Denis Zamignani

História de Vida: Deisy das Graças de Souza

A experiência do Método FRIENDS: Uma possibilidade de prevenção e de promoção de "saúde mental" em larga escala no Brasil?

Green School, aprendendo com os sentidos: Uma experiência verde em Bali

Comportamento em Cena: *Um Divã para Dois*

Como a Análise do Comportamento pode contribuir à análise de movimentos sociais?



Ilustração da capa: Sílvia Amstalden

O Associação Paradigma, instituição sucessora do Núcleo Paradigma, é um centro de pesquisa, ensino e assistência, localizado na cidade de São Paulo, no bairro de Perdizes. Fundado em 2005, tem como objetivo a busca de soluções para problemas relacionados ao comportamento humano, oferecendo os seguintes serviços e atividades:

Formação em nível de pós-graduação lato e stricto sensu, aprimoramento e extensão, atualização e capacitação profissional.

Clínica-escola composta por terapeutas e acompanhantes terapêuticos que trabalham sob a perspectiva analítico-comportamental no atendimento de crianças, adolescentes, adultos, casais, famílias, pessoas com desenvolvimento atípico e transtornos psiquiátricos.

Eventos culturais que promovem o diálogo da psicologia com diferentes áreas do conhecimento e da arte.

boletim paradigma

Uma publicação da Associação Paradigma
– Centro de Ciências e Tecnologia
do Comportamento
São Paulo, vol. 10, agosto de 2015.

Coordenação Editorial

Roberta Kovac

Assistentes Editoriais

Bernardo Dutra Rodrigues

Ila Marques Porto Linares

Revisão

Dante Marino Malavazzi

Comissão Executiva

Roberta Kovac

Joana Singer Vermes

Denis Zamignani

Roberto Alves Banaco

Candido Pessôa

Projeto Gráfico e Diagramação

Sílvia Amstalden



**Associação Paradigma Centro
de Ciências e Tecnologia do
Comportamento**

Rua Wanderley, 611

Perdizes, São Paulo-SP

CEP: 05011-001

TEL: 55 11 3672 0194

www.nucleoparadigma.com.br

contato@nucleoparadigma.com.br

Agosto 2015

Tiragem: 4.000 exemplares

ISSN 2176-3445

Sumário

Editorial 2

Teoria e Aplicação 3

Habilidades para a condução da terapia de grupo

Denis Roberto Zamignani e Roberto Alves Banaco

Na Estante 11

Resenha do livro *B. F. Skinner: Uma Perspectiva Europeia*, de Marc N. Richelle.

EdUFSCar (São Carlos), 2014

Bernardo Dutra Rodrigues

Paradigma Entrevista 13

Roberta Kovac entrevista Denis Zamignani

História de Vida 17

Deisy das Graças de Souza

por Ila Marques Porto Linares

Aplicação 20

A experiência do Método FRIENDS: Uma possibilidade de prevenção e de promoção de "saúde mental" em larga escala no Brasil?

Larissa Zeggio, Yara Nico e Jan Leonardi

Análise do Comportamento e Educação 25

Green School, aprendendo com os sentidos: Uma experiência verde em Bali

Ana Beatriz D. Chamati e Bia Alckmin

Comportamento em Cena 28

Um Divã para Dois: Discutindo estilos terapêuticos

Mariana Rezende e Thiago Monteleone

Análise do Comportamento e Sociedade 33

Como a Análise do Comportamento pode contribuir à análise de movimentos sociais?

Fernando Albregard Cassas

Editorial

Caros colegas,

É com grande entusiasmo que chegamos ao nosso 10º ano de vida! O Núcleo Paradigma entrou em sua segunda década com uma nova proposta: tornou-se a Associação Paradigma – Centro de Ciências e Tecnologia do Comportamento. A mudança de nome reflete uma transformação importante: somos agora uma organização sem fins lucrativos, voltada ao ensino, à pesquisa e ao desenvolvimento de tecnologias baseadas na análise do comportamento. Este *Boletim* não ficou fora da festa e vem recheado de temas importantes.

Na seção História de Vida, Ila Linares conta a trajetória de uma das mais reconhecidas e premiadas analistas do comportamento brasileiras, Deisy das Graças de Souza.

A entrevista deste volume amplia a discussão sobre a *acreditação* do analista do comportamento. O entrevistado, Denis Zamignani, fala aqui como atual presidente da ABPMC.

Roberto Banaco e Denis Zamignani abordam em seu texto a aplicação da análise do comportamento à terapia de grupo, mostrando como este é um campo ao qual a abordagem tem muito a contribuir.

A seção Comportamento em Cena traz uma análise sobre o filme *Um Divã para Dois*, escrita por Mariana Rezende e Thiago Monteleone, membros do Grupo de Pesquisa de Processo da Associação Paradigma.

Também é apresentado por Fernando Albregard Cassas um interessante artigo sobre como a análise do comportamento pode contribuir para a análise de movimentos sociais.

Larissa Zeggio, Yara Nico e Jan Leonardi apresentam o Método FRIENDS, enquanto Ana Beatriz Chamati e Bia Alckmin analisam um novo modelo de escola, com base na experiência que tiveram numa instituição balinesa.

Por fim, temos neste *Boletim* a resenha escrita por Bernardo Rodrigues sobre a versão em português de *B. F. Skinner: Uma Perspectiva Europeia* – obra fundamental de Marc Richelle.

Desejamos a todos uma ótima leitura, agradecemos por fazerem parte dos nossos 10 anos e os convidamos para crescer com a gente na próxima década!

Forte abraço,
Candido Pessoa
Denis Zamignani
Joana Singer Vermes
Marina Dantas
Roberta Kovac
Roberto Banaco

Teoria e Aplicação

Habilidades para a condução da terapia de grupo

Denis Roberto Zamignani e Roberto Alves Banaco

O atendimento de pessoas em grupo – seja ele formado por um casal, por uma família ou por pessoas sem laços afetivos prévios – exige habilidades específicas, diferentes daquelas necessárias para a condução de um processo terapêutico individual. Enquanto este tem como foco o indivíduo em seu processo de mudança e de autoconhecimento, aquele visa também ao desenvolvimento de cada um dos indivíduos, mas o caminho para isso é a relação que se dá entre os membros do grupo e entre estes e o terapeuta. Tal característica, se ignorada, pode levar o mais habilidoso terapeuta individual ao fracasso na condução de um grupo. Portanto, técnicas específicas são necessárias.

Os comportamentos do terapeuta na interação com o cliente e que, conjuntamente, compõem as mais diversas técnicas terapêuticas, são chamados pela literatura clínica de *habilidades terapêuticas* (ou, no inglês, *helping skills*). Estudar esses comportamentos é como colocar uma lente de aumento na interação terapêutica e identificar cada *microprocesso* durante a sessão, o que vem sendo feito desde a década de 1960 pelos pesquisadores de processo-resultado em psicoterapia (e.g., Greenberg & Pinsof, 1986; Russel & Trull, 1986). Nesses estudos, busca-se identificar padrões de interação terapêutica, por meio da filmagem de

sessões, categorização e análise dos comportamentos emitidos pelo terapeuta e pelo cliente.

Zamignani (2007) desenvolveu um instrumento de categorização de comportamentos para o estudo da interação terapêutica analítico-comportamental. Esse instrumento, o Sistema Multidimensional de Categorização de Comportamentos na Interação Terapêutica (SiMCCIT), é composto por três eixos de categorização, cada um deles representando uma dimensão da interação terapêutica. Os eixos de respostas verbais do terapeuta e do cliente são compostos, respectivamente, por 14 categorias e 12 categorias. As categorias do terapeuta são: Solicitação de Relato, Facilitação, Empatia, Informação, Solicitação de Reflexão, Recomendação, Interpretação, Aprovação, Reprovação, Outras e Silêncio, além das respostas verbais não vocais de Concordância, Discordância e Comando. As categorias do cliente são: Solicitação, Relato, Relato de Melhora, Metas, Estabelecimento de Relações, Concordância, Oposição, Outras e Silêncio, além das respostas verbais não vocais de Concordância, Discordância e Comando. O autor elaborou uma descrição do processo terapêutico analítico-comportamental, considerando a aplicação de cada uma das categorias do SiMCCIT nas diferentes etapas da intervenção (Zamignani, 2014). Os comportamentos des-

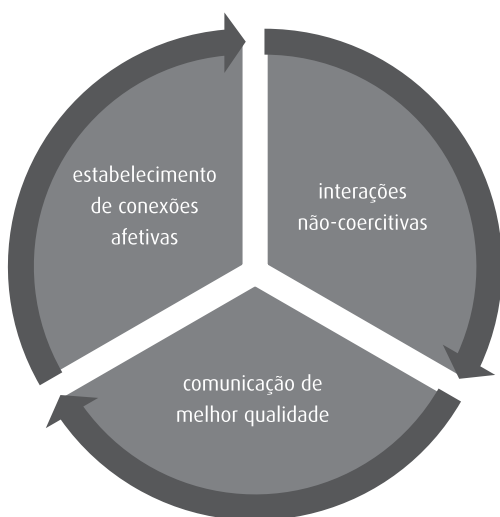
critos nas categorias constituem as habilidades necessárias para conduzir o processo terapêutico analítico-comportamental. Uma vez especificadas, elas podem ser melhor estudadas para o aprimoramento da tecnologia.

Alguns autores debruçaram-se sobre o processo terapêutico analítico-comportamental em grupo, a fim de identificar suas particularidades ou de compará-lo à terapia individual, partindo das categorias do SiMCCIT (Melo, Aureliano & Zamignani, 2014; Silveira-Fogaça, Meyer & Bolsoni-Silva, 2014). Esses autores descreveram aspectos importantes das habilidades terapêuticas neste contexto, explorados adiante.

O que Buscamos ao Trabalhar com Grupo?

Há muitas razões pelas quais a intervenção em grupo pode se mostrar mais efetiva que a individual (Jacobs, Masson & Harvill, 2006) para lidar com diferentes questões, principalmente quando o foco é *relacionamento* (Jacobson & Christensen, 1998; Minuchin, Lee & Simon, 2008; Patterson, Williams, Grauf-Grounds & Chamow, 1998).

A literatura de terapia em grupo destaca três objetivos complementares:



A *conexão afetiva* – interação genuína entre os membros do grupo – é a chave para o sucesso nesta modalidade de intervenção. Na terapia de casal ou de família, é necessário abertura para o diálogo e para a intimidade, em busca de novas formas de interação. Para isso, deve-se abrir mão de padrões já estabelecidos e enfrentar temas evitados ao longo da convivência. Na terapia em grupo, é a construção dessa conexão afetiva que permite o desenvolvimento e a experimentação *in loco* de novos padrões de interação, num verdadeiro laboratório de experiências afetivas.

Uma vez iniciada esta conexão, é possível avançar para o segundo objetivo terapêutico: a *comunicação efetiva*. Geralmente, os casais e as famílias que buscam terapia apresentam uma história de tentativas frustradas de interação, fruto de processos de comunicação desastrosos. O trabalho do terapeuta, portanto, precisa ter como foco o desenvolvimento de estratégias efetivas de comunicação entre os membros do grupo, mais que a resolução do problema em si (Pearl & Kassan, 2012). O foco terapêutico recai sobre a *função* dos padrões de comunicação, enquanto o conteúdo assume um papel secundário na resolução de conflitos. Na terapia em grupo, de modo semelhante, a comunicação direta, assertiva e consistente é parte importante do repertório social a ser modelado e pré-requisito para o desenvolvimento de padrões de interação mais satisfatórios.

O terceiro objetivo do processo terapêutico em grupo é a construção de *interações não coercitivas*. Grande parte dos problemas de relacionamento envolve histórias de vida marcadas por coerção. Skinner (1953/1989) e Sidman (1989/1995) apresentaram as consequências negativas desse tipo de controle social, infelizmente presente em quase todos os âmbitos da cultura. Sem notar, os indivíduos

tendem a adotá-lo no dia a dia, reproduzindo os conflitos e o sofrimento já tão conhecidos. Identificar esses padrões e construir alternativas de interação baseadas no reforço positivo mútuo é parte fundamental da mudança terapêutica, e o grupo é um contexto favorável para o indivíduo experimentar os efeitos desta nova forma de se relacionar.

Fatores Terapêuticos e Habilidades Relacionadas

A literatura de terapia em grupo considera algumas classes de respostas (i.e., fatores terapêuticos) essenciais para a intervenção alcançar seus objetivos. Entre elas, segundo Yalom (2006), a *instilação de esperança*, a *universalidade* e a *partilha de informações*. Neste tópico, trataremos de cada uma delas e de como as habilidades terapêuticas podem ser aplicadas para a sua promoção. Elas são descritas da seguinte maneira:

- **Instilação de esperança:** por instilação de esperança, entende-se a promoção de uma boa expectativa com relação ao sucesso do trabalho terapêutico, o que se dá por meio de alguns processos: (a) ajuste de objetivos e metas, (b) alinhamento de expectativas em relação ao grupo e (c) contato com outros indivíduos que apresentem problemas semelhantes e que melhoraram com a terapia (Yalom, 2006).
- **Universalidade:** por universalidade, entende-se a busca por fatores comuns entre os participantes, de modo a promover a coesão, a afinidade e o sentimento de pertencimento ao grupo. A possibilidade de interagir com pessoas que também apresentam sentimentos negativos, pensamentos perturbadores, problemas, impulsos, fantasias, desejos, metas e vivências pode contribuir

para diminuir a sensação de singularidade, de que o indivíduo está "só em sua desgraça" (Yalom, 2006).

- **Partilha de informações:** presente em qualquer processo terapêutico, a partilha de informações é um fator importante no trabalho em grupo, especialmente para estabelecer intimidade entre os membros com pouco entrosamento. Embora a Recomendação seja pouco eficaz como estratégia de mudança, ao contribuírem com recomendações, os membros do grupo mostram interesse e cuidado com os demais, o que pode favorecer o relacionamento entre eles (Yalom, 2006).

O terapeuta como mediador

Comparada à terapia individual, a principal vantagem da terapia em grupo é ampliar as possibilidades de interação cliente-terapeuta e cliente-cliente, nas quais os membros do grupo incentivam, dão feedback, oferecem modelo, ensinam, identificam avanços e cobram os outros participantes por metas não cumpridas (Silveira-Fogaça et al., 2014; Yalom, 2006). Nessa situação, o terapeuta não é a única fonte de influência sobre o comportamento dos participantes e pode observar diretamente as interações entre os membros do grupo, interferindo imediatamente sobre elas, modelando ou fornecendo modelos de interação.

Em grupo, o terapeuta é um mediador capaz de promover interações em que o comportamento de cada participante seja a variável terapêutica a agir sobre os outros membros (Harris, 1977). Assim, o terapeuta contribui para os participantes do grupo vivenciarem novas formas de interação e terem contato imediato com as consequências sociais de seus comportamentos, num tipo de interação mais próxima daquelas que ocorrem em seu am-

biente social, tornando o grupo um autêntico laboratório de experiências (cf. Kohlenberg [1991], sobre a interação terapeuta-cliente na psicoterapia individual). O preparo do terapeuta de grupo, casal e família é voltado, portanto, ao desenvolvimento de estratégias e habilidades que buscam esta mediação.

Em revisão de um processo terapêutico grupal com base no SiMCCIT, Silveira-Fogaça, Meyer e Bolsoni-Silva (2014) observaram que o terapeuta atinge seus objetivos por meio de classes de respostas bastante específicas. De acordo com as autoras, o terapeuta de grupo tende a utilizar um tipo específico de Recomendação, a qual promove a participação dos clientes como coterapeutas. A universalidade seria promovida com verbalizações do tipo Solicitação de Aprovação e Solicitação de Reprovação, dirigidas aos membros do grupo, perante determinadas revelações de um cliente específico. Tal consequenciação provida pelos membros do grupo faz com que a partilha de informações do cliente seja submetida a um processo de discriminação simples. Perguntas tais como "O que há de positivo e/ou de negativo no que ele disse?", incluídas nessas categorias, dirigiriam a análise para este tipo de resultado. A coesão seria promovida pela categoria Solicitação de Recomendação, por meio da qual o terapeuta envolve os demais membros do grupo no relato que acabou de ocorrer. Perguntas tais como "O que vocês fariam nessa situação?" seriam um exemplo desta classe de respostas (Silveira-Fogaça et al., 2014).

O terapeuta pode ainda fazer uso de Solicitação de Reflexão para promover a universalidade. Esta classe de respostas do terapeuta poderia evocar verbalizações do cliente do

tipo Cliente-Recomendação e Cliente-Empatia – que, por sua vez, envolveriam o cliente alvo da análise na exploração de alternativas para seus problemas, assim como os outros membros do grupo na aceitação e no direcionamento do problema do outro como tarefa própria dentro do trabalho terapêutico, fortalecendo a universalidade e a coesão.

Já na terapia de casal, parece haver diferenças entre os padrões de interação que ocorrem nas primeiras sessões e em sessões mais avançadas. De acordo com o estudo de Melo, Aureliano e Zamignani (2014), nas primeiras sessões, o terapeuta apresenta mais frequentemente classes de respostas de Solicitação de Relato, Interpretação e Empatia. Segundo os autores, o acesso direto do terapeuta às interações que ocorrem entre os membros do casal propicia, já nas primeiras sessões, a identificação de alguns padrões básicos de interação e fa-

Comparada à terapia individual, a principal vantagem da terapia em grupo é ampliar as possibilidades de interação cliente-terapeuta e cliente-cliente, nas quais os membros do grupo incentivam, dão feedback, oferecem modelo, ensinam, identificam avanços e cobram os outros participantes por metas não cumpridas.

cilita a explicitação destes padrões por meio de Interpretação. As verbalizações de Empatia garantem o acolhimento necessário para a consolidação da relação terapêutica. Em sessões mais adiantadas no processo terapêutico, Solicitação de Relato e Interpretação continuam frequentes, mas Solicitação de Reflexão passa a ser a categoria prevalente, indicando o progresso obtido na relação terapêutica e buscando neste momento promover a auto-observação do casal, a identificação de padrões de interação e o desenvolvimento de autorregras que evoquem ações mais efetivas.

Estabelecendo conexões

O psicanalista Louis Ormont apresenta contribuições bastante úteis e compatíveis com uma terapia analítico-comportamental em grupo. Segundo Ormont (1992), o terapeuta deve promover conexões (*bridging*) entre os membros do grupo, levando-os a expor suas experiências uns aos outros e a revelar o que não é comum numa conversa habitual. Para isso, o terapeuta deve formular diferentes tipos de perguntas – o que, de acordo com o SiMCCIT, envolveria as categorias Solicitação de Relato, Solicitação de Reflexão e Interpretação. Elas podem ser apresentadas com várias topografias. Por exemplo:

- Questões abertas: tipo de Solicitação de Reflexão, esta classe de respostas envolve questionar um cliente sobre o que ele imagina que outro membro do grupo esteja sentindo, de modo a promover consciência a respeito do outro. Este tipo de questão aberta poderia favorecer a universalidade e a coesão do grupo, ao estimular o desenvolvimento de empatia e o compartilhamento de emoções. Um exemplo de questão aberta deste tipo seria: "O que vocês sentiriam nessa situação pela qual o Paulo está passando?". Outro tipo de questão aberta que favorece a interação do grupo é questionar um cliente sobre a interação que ocorre entre outros dois membros, favorecendo a integração do restante do grupo. Essas são perguntas com a seguinte topografia: "Como você percebe o que está ocorrendo entre Laura e Paulo?".
- Questionamento direto: também voltada a promover o diálogo sobre emoções e experiências presentes na interação do grupo, esta classe de respostas é apresentada como um tipo de Interpretação. Consiste em elaborar

uma inferência, "quase como se estivéssemos tirando uma conclusão precipitada". Um exemplo desta classe de respostas seria: "Parece que você está achando que o Miguel está incomodado com o que você acabou de dizer". Este tipo de questão incentivaria os membros do grupo a estabelecer suas próprias relações a respeito do tema.

Ormont (1992) destaca ainda episódios nos quais a intervenção terapêutica, ao estabelecer conexões, é especialmente útil. Quando há um período de silêncio e o grupo parece não encontrar caminhos para interrompê-lo, uma pergunta do terapeuta pode proporcionar a retomada do diálogo. Quando algum membro do grupo está falando excessivamente sobre si mesmo, podendo tornar a interação desinteressante para os outros membros e desviar o foco do grupo, a pergunta do terapeuta pode trazer o tema para o foco da interação, especialmente porque este tipo de direção que a sessão toma afeta a coesão grupal.

Também é importante estabelecer conexões quando o terapeuta percebe que o tema de um subgrupo domina, deixando outros membros excluídos ou desinteressados. Exceção a essa regra é quando o terapeuta percebe que dois membros do grupo acabam de "se descobrir" e estão explorando suas histórias. Nesse caso, não é apropriado introduzir um terceiro na conversação, pois isso poderia interromper esse processo de conhecimento mútuo. Contudo, Ormont (1992) ressalta que não costuma ser útil para a conexão apenas apontar temas em comum entre os membros ou coincidências nas histórias. Tal estratégia, em vez de promover a conexão, pode impedir que os membros compartilhem suas experiências por conta própria, pressionando para que o grupo funcione sob as premissas do terapeuta.

Há também momentos em que não é recomendado que o terapeuta promova conexões (Ormont, 1992). Um deles é quando um membro do grupo está claramente alterado, tendendo à agressividade. Neste caso, trazer o tema para o grupo pode potencializar a reação agressiva desse indivíduo ou disseminá-la entre os outros membros. O mesmo vale quando alguns membros do grupo mostram-se hostis e o terapeuta se vê sob ataque, temendo que a situação possa piorar. "Chamar reforço" trazendo o problema para o grupo pode tornar a situação ainda mais aversiva e, neste caso, lidar com o problema diretamente pode ser mais efetivo.

No caso de pacientes tímidos, Ormont (1992) aponta que qualquer tentativa de atrair o indivíduo para se expor pode levá-lo ainda mais à introspecção. Neste caso, recomenda-se uma abordagem cautelosa, deixando claro ao participante que ele tem o direito de não se pronunciar: em vez de "O que você pensa sobre o que está acontecendo?", é melhor dizer "Você tem alguma opinião sobre o que está acontecendo agora?". É importante cuidar ainda para que haja tempo para que a fala do participante seja acolhida, caso ele se pronuncie, pois se isso não ocorrer o comportamento do indivíduo seria exposto à extinção ou à punição, podendo evocar sentimentos de rejeição ou negligência.

Os exemplos levantados por Ormont (1992) são algumas das possibilidades a serem exploradas e estudadas pela pesquisa de processo-resultado na interação grupal. Tais estudos permitiriam identificar comportamentos do terapeuta e do cliente e especificar suas variáveis de controle.

Indicações Técnicas

A condução terapêutica voltada à promoção da interação entre os membros do grupo é fundamental para o desenvolvimento de relações

sociais – seja em grupos já formados quando entram em terapia (e.g., casais e famílias), seja com pessoas que ainda não se conhecem.

O SiMCCIT tem sido uma ferramenta importante nos estudos de processo e resultado, ao revelar ações típicas do terapeuta e do cliente e suas interações. No estudo da terapia individual, diversos aspectos da interação também têm sido elucidados (e.g., Zamignani & Meyer, 2014), permitindo o desenvolvimento de uma tecnologia mais efetiva. Ainda há poucos estudos estendendo esses achados para os processos grupais, mas os dados até agora encontrados são promissores.

Novos estudos com essa ferramenta deverão indicar sob controle de quais comportamentos dos clientes os terapeutas deveriam responder na emissão de cada um dos comportamentos descritos no SiMCCIT. Devem também ser objeto de estudo situações nas quais determinadas classes de respostas não seriam indicadas e/ou requereriam parcimônia, conforme já sugerido por Ormont (1992). À medida que os estudos avançarem, os microprocessos serão cada vez mais especificados, oferecendo diretrizes para uma condução segura da terapia em grupo. ■

Denis Roberto Zamignani é coordenador do Mestrado Profissional em Análise do Comportamento Aplicada, professor e supervisor da Qualificação em Clínica Analítico-Comportamental na Associação Paradigma. Atua como terapeuta em consultório particular.

Roberto Alves Banaco é coordenador, professor e supervisor da Qualificação em Clínica Analítico-Comportamental na Associação Paradigma. Atua como terapeuta em consultório particular.

Referências

- Greenberg, L. S. & Pinsof, W. M. (1986). *The psychotherapeutic process: A research book*. New York: The Guilford Press.
- Harris, G. G. (1977). *The group treatment of human problems*. New York: Grune & Stratton.
- Jacobs, E., Masson, R. & Harvill, R. (2006). *Group counseling strategies and skills* (5th ed.). Belmont, Estados Unidos: Brooks/Cole Wadsworth Group.
- Jacobson, N. S. & Christensen, A. (1998). Enhancing intimacy through acceptance. Em N. S. Jacobson & A. Christensen (Eds.), *Acceptance and change in couple therapy: A therapist's guide to transforming relationships* (pp. 103-129). New York: Norton.
- Kohlenberg, R. J. & Tsai, M. (1991). *Functional analytic psychotherapy: Creating intense and curative therapeutic relationships*. New York: Plenum.
- Melo, E. M. O., Aureliano, L. G. & Zamignani, D. R. (2014). Classificação dos comportamentos verbais vocais do terapeuta de casal a partir do SiMCCIT: Uma aplicação possível? Em D. R. Zamignani & S. B. Meyer (Orgs.), *A pesquisa de processo em psicoterapia: Estudos a partir do instrumento SiMCCIT – Sistema Multidimensional para a Categorização de Comportamentos na Interação Terapêutica* (Vol. 2, pp. 55-72). São Paulo, SP: Núcleo Paradigma.
- Minuchin, S., Lee, W. & Simon, G. M. (2008). *Dominando a terapia familiar*. Porto Alegre, RS: Artmed.
- Ormont, L. R. (1992). *The group therapy experience: From theory to practice*. New York: St. Martin's Press.
- Patterson, J., Williams, L., Grauf-Grounds, C. & Chamow, L. (1998). *Essential skills in family therapy*. New York: The Guilford Press.
- Pearl, L. & Kassan, L. (2012). Beginning couple therapy: Helping couples attain emotional fluency. *Group*, 36, 3-18.
- Russel, R. L. & Trull, T. (1986). Sequential analyses of language variables in psychotherapy process research. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 54 (1), 16-21.
- Sidman, M. (1995). *Coerção e suas implicações* (M. A. P. A. Andery & T. M. A. P. Serio, Trans.). São Paulo, SP: Psy II. (Trabalho original publicado em 1989.)
- Silveira-Fogaça, F. F., Meyer, S. B. & Bolsoni-Silva, A. T. (2014). Intervenção analítico-comportamental de grupo: Descrevendo categorias de comportamento dos participantes. Em D. R. Zamignani & S. B. Meyer (Orgs.), *A pesquisa de processo em psicoterapia: Estudos a partir do instrumento SiMCCIT – Sistema Multidimensional para a Categorização de Comportamentos na Interação Terapêutica* (Vol. 2, pp. 37-54). São Paulo, SP: Núcleo Paradigma.
- Skinner, B. F. (1989). *Ciência e comportamento humano*. São Paulo, SP: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1953.)
- Yalom, I. D. (2006). *Psicoterapia de grupo: Teoria e prática*. Porto Alegre, RS: Artmed.
- Zamignani, D. R. (2007). *O desenvolvimento de um sistema multidimensional para a categorização de comportamentos na interação terapêutica* (Tese de doutorado). Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.
- Zamignani, D. R. (2014). Um exercício de descrição do processo terapêutico analítico-comportamental com base nas categorias de comportamento do SiMCCIT. Em D. R. Zamignani & S. B. Meyer, *A pesquisa de processo em psicoterapia: O desenvolvimento do SiMCCIT – Sistema Multidimensional para a Categorização de Comportamento na Interação Terapêutica* (Vol. 1, pp. 61-82). São Paulo, SP: Núcleo Paradigma de Análise do Comportamento.
- Zamignani, D. R. & Meyer, S. B. (2014). *A pesquisa de processo em psicoterapia: Estudos a partir do instrumento SiMCCIT – Sistema Multidimensional para a Categorização de Comportamentos na Interação Terapêutica* (Vol. 2). São Paulo, SP: Núcleo Paradigma de Análise do Comportamento.

perspectivas

em análise do comportamento

ISSN 2177-3548

Nota B2, pela avaliação Qualis/CAPES

Análise do comportamento, behaviorismo radical, ciência do comportamento, práticas culturais, clínica analítico-comportamental, áreas de aplicação da análise do comportamento, ensino de análise do comportamento, interface com ciências biológicas e metodologia em análise do comportamento

Linha editorial ampliada: aceita relatos de pesquisa aplicada.

Agora indexada no Index Copernicus Journals Master List, IMBIOMED e Sumários.org.



ACOMPANHAMENTO TERAPÊUTICO E ATENDIMENTO EXTRACONSULTÓRIO EM ANÁLISE DO COMPORTAMENTO

modalidade presencial

coordenação

**FERNANDO A. CASSAS
ROBERTA KOVAC**

público-alvo

**profissionais e estudantes
das áreas de saúde e
educação**

CURSOS
paradigma

início

fevereiro de 2016

**carga horária total de 130,5 horas
Módulo teórico de 59,5 horas
Módulo prático de 71 horas**



www.nucleoparadigma.com.br
Rua Wanderley, 611
Perdizes São Paulo/SP
Tel. 11 3672 0194
CRP 06/5164-J

Na Estante

Resenha do livro *B. F. Skinner: Uma Perspectiva Europeia*, de Marc N. Richelle. EdUFSCar (São Carlos), 2014

Bernardo Dutra Rodrigues



Recentemente, o leitor brasileiro foi brindado com a tradução do livro *B. F. Skinner: A Reappraisal*, do professor belga Marc N. Richelle. Publicada pela primeira vez em 1993, a obra recebeu o título *B. F. Skinner: Uma Perspectiva Europeia*, na versão em português (Richelle, 1993/2014). O autor, além de ter se debruçado com afinco sobre textos do behavio-

rismo radical, foi aluno do próprio Skinner e se dedicou à tradução de seus livros para o francês. Tal currículo o coloca numa posição invejável para cumprir a difícil tarefa de apresentar e discutir a obra de um dos maiores psicólogos do século 20.

Antes de descrever a obra, é necessário ressaltar o ótimo trabalho de tradução de Marina de Castro. Traduzir um livro já é difícil por si só. No entanto, quando aborda temas históricos, metodológicos, filosóficos e conceituais controversos, realizar uma tradução que preserve a clareza da obra original é uma tarefa hercúlea. Apesar da dificuldade envolvida, alcançou-se o resultado esperado e o leitor brasileiro tem acesso a um material de excelente qualidade.

O livro é composto por quatro partes. A Parte 1 se chama "Questões Controversas e Contribuições Inquestionáveis". Nela, o leitor encontrará capítulos que se propõem a contextualizar a obra de Skinner. Richelle afirma que não pretende ser um biógrafo do pensador americano, mas algumas idiosincrasias da história de vida e da época em que ele estava inserido são relevantes para o entendimento da construção de sua teoria. Assim, à medida que o autor descreve as contribuições de Skinner para o estudo do comportamento, também apresenta o homem atrás da teoria.

A Parte 2, intitulada "Skinner e a Tradição Europeia: Pavlov, Freud, Lorenz e Piaget", é formada por quatro capítulos. Cada um deles busca comparar a obra Skinneriana à de um dos autores citados. Destacam-se os capítulos que abordam a etologia (Lorenz) e o construtivismo (Piaget), interlocuções não tão comuns quanto as outras e marcadas por conclusões curiosas. Por exemplo, o leitor pode se surpreender ao notar que existem mais interseções entre as teorias de Skinner e de Piaget, quando comparadas à de Pavlov, embora seja mais frequente abordar o fisiólogo russo nos cursos de psicologia.

A Parte 3, "Pedras de Toque do Behaviorismo Radical: Cérebro, Cognição, Linguagem e Criatividade", trata de assuntos tão importantes quanto delicados para o analista do comportamento. Richelle discorre sobre o problema do "biologicismo" e do mentalismo na explicação do comportamento, bem como resgata o clássico debate entre Skinner e Chomsky sobre linguagem, esclarecendo a visão comportamental acerca dos processos ditos cognitivos.

O autor termina o livro com a Parte 4, "O Interesse pela Vida Real: Uma Aventura em Direção à Utopia". Esta unidade discute os temas historicamente caros à análise do comportamento, tais como saúde mental, educação, vida em grupo e cultura. Todavia, Richelle foge do lugar comum e aborda nuances dessas questões dentro da proposta do behaviorismo radical. O papel da mulher na sociedade, a democracia, a política e o poder são apenas alguns exemplos. A familiaridade do autor com a obra Skinneriana permite que ele passeie por temas diversos com clareza, tornando esta uma

seção obrigatória aos interessados na discussão de problemas sociais à luz do behaviorismo.

Apesar de a obra original datar de 1993, o leitor perceberá que o título envelheceu bem.

À medida que Richelle descreve as contribuições de Skinner para o estudo do comportamento, também apresenta o homem atrás da teoria.

A abordagem dos temas continua atual, o que o torna uma boa introdução ao aluno que está começando a se aprofundar na teoria e quer se aventurar em temas mais complexos. Trata-se,

O leitor pode se surpreender ao notar que existem mais interseções entre as teorias de Skinner e de Piaget, quando comparadas à de Pavlov.

portanto, de um livro obrigatório na estante dos interessados em estudar o pensamento Skinneriano. ■

Referência

Richelle, M. N. (2014). *B. F. Skinner: Uma perspectiva europeia* (Marina S. L. B. Castro, Trad.). São Carlos, SP: EdUFSCar. (Trabalho originalmente publicado em 1993.)

Bernardo Dutra Rodrigues é psicólogo pela UNAMA e mestre em Psicologia Experimental pela UFPA. Especialista em Clínica Analítico-Comportamental pelo Núcleo Paradigma, atua como AT e terapeuta em consultório particular.

Paradigma Entrevista

Roberta Kovac entrevista Denis Zamignani

No dia 1º de junho, teve início o processo de acreditação de analistas do comportamento pela ABPMC. Dando continuidade aos esclarecimentos prestados no último volume do *Boletim Paradigma*, o atual presidente da ABPMC, Denis Zamignani, destaca na entrevista abaixo a especificidade do modelo brasileiro, convocando a comunidade de analistas do comportamento a participar ativamente desse processo.

Paradigma: Como é o modelo final do processo de acreditação de analistas do comportamento da ABPMC?

Denis Zamignani: O modelo de acreditação da ABPMC envolve uma avaliação individual em que a pessoa deverá apresentar documentos comprovando cumprir, nos últimos 10 anos, alguns critérios pré-determinados. Os documentos serão avaliados pela Comissão de Acreditação. Se atenderem aos critérios, a Comissão emitirá um Certificado de Acreditação com validade de cinco anos. Ao fim desse período, será necessário renová-lo. Antes de definir o modelo final, uma versão preliminar do regulamento da acreditação foi apresentada com antecedência aos associados e uma via de comunicação digital foi aberta para que recebêssemos críticas e sugestões. Durante o Encontro da ABPMC de 2014, houve ainda dois espaços para a discussão do documento.

No primeiro deles, debateu-se o que é ser um analista do comportamento e quais as suas implicações em um processo de acreditação; no segundo, ofereceu-se um espaço para os associados proporem e discutirem modificações no documento de acreditação. Por último, Conselho e Diretoria trabalharam juntos para realizar as alterações indicadas, considerando as decisões dos associados. Durante a Assembleia Ordinária de 2014, o documento foi votado e aprovado. A preocupação da Comissão e da Diretoria anterior, presidida por João Ilo, foi de estimular a participação da comunidade em todo o processo. De setembro de 2014 até junho de 2015, a Diretoria e a Comissão trabalharam para viabilizar o sistema de acreditação.

Paradigma: Onde o documento pode ser encontrado?

Denis Zamignani: Tanto o documento quanto o procedimento para submissão estão disponíveis no site da acreditação, cujo endereço eletrônico é www.acreditacao.abpmc.org.br.

Paradigma: Quem pode ser acreditado?

Denis Zamignani: A acreditação está disponível para o analista do comportamento de qualquer campo (pesquisador básico, professor universitário, aplicador, etc.) em qualquer área (clínica, educação, organizações, etc.). A única objeção diz respeito ao tempo de prática, ou seja,

é necessário exercer ou estar envolvido com a análise do comportamento há pelo menos dois anos. Esse tempo permite que alguma produção ou trabalho seja apresentado, confirmando a atuação como analista do comportamento. Se uma pessoa eventualmente não for acreditada, isso não significa que ela não seja uma analista do comportamento. A ideia é oferecer uma espécie de "selo de qualidade" da ABPMC para quem for acreditado. Por meio da acreditação, a ABPMC reconhece aquele indivíduo como analista do comportamento, de acordo com os critérios da associação. Isso também não quer dizer que outros processos de acreditação não possam ser adotados e reconhecidos pela comunidade.

Paradigma: Então alunos recém-formados são excluídos?

Denis Zamignani: Sim, mas esses alunos estão em processo de consolidar sua atuação profissional, para ter uma produção com vistas à acreditação.

Paradigma: Quais os critérios para a acreditação ser concedida, além de dois anos de prática?

Denis Zamignani: O Certificado de Acreditação é emitido com base em comportamento que indique engajamento da pessoa na formação crescente em análise do comportamento e na participação ativa dentro da abordagem, nos últimos 10 anos. Entre os pré-requisitos encontram-se publicações, apresentações em eventos, teses, dissertações e outras produções que mostrem que o profissional atua como analista do comportamento. Existem também as condições de professores universitários e de pessoas que atuam profissionalmente com base na análise do comportamento, mas não estão diretamente envolvidas com a produção acadêmica.

Um professor universitário, mesmo que não tenha publicações ou apresentações em eventos, pode apresentar como requisito para

a acreditação os programas de duas disciplinas que ele tenha desenvolvido, relatando a análise que conduziu à proposta da disciplina, como ele a conduziu, a metodologia de ensino e de avaliação, esclarecendo assim a forma como a análise do comportamento foi pensada naquela disciplina. O que não se espera é que a pessoa apenas compile alguns conceitos da análise do comportamento e os coloque em sequência, mas sim que realmente conduza a disciplina como analista do comportamento e tenha um raciocínio analítico-comportamental sobre a avaliação e a metodologia de ensino.

Ao mesmo tempo, um indivíduo que atue profissionalmente e que não tenha uma produção escrita sobre análise do comportamento precisa elaborar um relato de intervenção. Nele, deve-se descrever o processo de intervenção, qual tipo de medida de resultado foi adotado, que tipo de avaliação comportamental foi elaborado, como se desenvolveu a análise funcional e como esta análise conduziu a um modelo de intervenção. É preciso descrever pelos menos duas situações de intervenção (dois casos clínicos, duas intervenções em empresas, etc.).

Paradigma: Quem integra a Comissão atualmente?

Denis Zamignani: A primeira Comissão foi eleita pela comunidade de analistas do comportamento por meio de uma votação online. Não havia candidatos para essa eleição; qualquer um poderia ser votado. Foram eleitos Roberto Banaco, Hélio Guilhardi, Silvio Botomé, Emmanuel Tourinho e eu, Denis Zamignani. As discussões ocorreram por um ano, até o regulamento ser votado no Encontro da ABPMC de 2014. João Ilo também participou das discussões, não como membro da Comissão, mas como então presidente da ABPMC. A Comissão é constituída por seis membros e

cada mandato tem a duração de dois anos. Será feito um rodízio no qual, a cada ano, serão eleitos três novos membros e três membros antigos sairão. Assim, a Comissão nunca será constituída por pessoas totalmente inexperientes no processo, existindo sempre três membros remanescentes para compartilhar com os novos membros o conhecimento. Os membros serão eleitos anualmente na Assembleia Ordinária da ABPMC. No Encontro de 2014, em Fortaleza, precisei sair da Comissão por ter me candida-

Com a divulgação para a comunidade em geral, espera-se que esta passe a exigir dos profissionais a creditação, como um atestado de qualidade.

tado à presidência e o Emmanuel também precisou sair por razões profissionais. Vera Otero, Denise Vilas Boas e João Ilo foram então eleitos e os membros da Comissão elegeram João Ilo como presidente da Comissão. Dessa forma, a Comissão é atualmente composta por Roberto Banaco, Silvio Botomé, Hélio Guilhardi, Vera Otero, Denise Vilas Boas e João Ilo.

Paradigma: O que o interessado na creditação precisa fazer agora?

Denis Zamignani: Os interessados já podem solicitar o processo de creditação. É necessário escanear os documentos requeridos e preencher os dados no site da creditação. Os documentos deverão ser anexados ao processo, conforme informado. Não é necessário ser sócio da ABPMC para solicitar a creditação, mas sócios da ABPMC têm um abatimento no valor. A previsão é de que a decisão da Comissão seja comunicada em 30 dias. Nesse intervalo, a Comissão pode requerer algum documento adicional ou esclarecimento. Se a resposta for negativa, o candidato pode pedir revisão apresentando documentos adicionais.

Paradigma: A quem deve interessar ser acreditado como analista do comportamento pela ABPMC?

Denis Zamignani: À medida que as pessoas comecem a solicitar a creditação e obtenham o Certificado, ele deve adquirir valor como diferencial de qualidade reconhecido por uma associação com o valor da ABPMC. Com a divulgação para a comunidade em geral, espera-se que esta passe a exigir dos profissionais a creditação, como um atestado de qualidade. Imagino que cursos de formação de análise do comportamento, aos poucos, buscarão divulgar a creditação pela ABPMC como um diferencial de seus docentes, o mesmo po-

dendo ocorrer com universidades, que podem considerar a creditação um diferencial na seleção de um professor. Quanto mais a comunidade de analistas do comportamento aderir ao movimento da creditação, mais fortalecerá a si mesma e ao próprio título de creditação. Deve-se destacar que todo o ganho financeiro proveniente da creditação será revertido para financiar o processo de creditação em si e também para investir na formação de profissionais. A ABPMC pretende oferecer formação, preferencialmente por ensino a distância, para o aprimoramento de seus associados.

Paradigma: Qual é o valor da creditação?

Denis Zamignani: O valor para não sócio equivale a três anuidades da categoria profissional, sendo que há um valor diferenciado para sócios da ABPMC.

Paradigma: Você falou sobre a importância da creditação como um diferencial para o profissional. Você acha que a creditação poderá valer como outras creditações que já existem, como a BCBA?

Denis Zamignani: A questão do BCBA foi amplamente discutida no Brasil, tanto antes quan-

to durante a reflexão sobre a acreditação. O BCBA é um processo bem consolidado, voltado para pessoas que trabalham com desenvolvimento atípico em outros países e envolve a realização de uma prova, bem como o cumprimento de outros critérios de avaliação.

O processo de construção do nosso modelo de acreditação baseou-se no fato de que a análise do comportamento no Brasil tem características singulares. Diferentemente do que ocorre em outros países em que a análise do comportamento tem como a maior área de atuação o desenvolvimento atípico, no Brasil a área é bastante plural quanto à aplicação, ao ensino e à pesquisa. Entendemos que nosso processo de acreditação deve dar conta dessa pluralidade, refletindo a realidade da ABPMC e da comunidade brasileira. Foi também uma premissa da Comissão que o processo não envolvesse uma prova escrita. Pretendia-se com isso evitar a proliferação de "cursos pré-acreditação", que oferecessem apenas o conteúdo da avaliação e dessem margem à aprovação de pessoas sem afinidade com a área.

Paradigma: Os membros da Comissão já são acreditados?

Denis Zamignani: Sim, os cinco primeiros membros que elaboraram a acreditação e os atuais membros foram acreditados por aclamação na Assembleia Ordinária da ABPMC. Se a comunidade entende que esses membros têm competência para desenvolver um processo de acreditação, pressupõe-se que eles são publicamente reconhecidos como analistas do comportamento.

Paradigma: Se alguém tiver alguma dúvida, como deve proceder?

Denis Zamignani: Existe um e-mail para o qual as pessoas podem escrever em caso de dúvida: acreditaçao@abpmc.org.br. Esse e-mail é

acessado por nossa secretária e também pelo presidente da Comissão. Também é possível entrar em contato pelo telefone da ABPMC: (11) 3675-2325.

Paradigma: Você gostaria de fazer mais alguma consideração?

Denis Zamignani: A acreditação é uma conquista da comunidade de analistas do comportamento brasileiros, fundamental para a consolidação da abordagem no Brasil. Esse processo, entretanto, depende de um investimento inicial, de um engajamento da comunidade. É este engajamento que irá estabelecer o valor do processo, para a própria associação e, por conseguinte, para cada indivíduo acreditado.

Acredito que temos, como grupo, a oportunidade de mostrar nossa força. A análise do comportamento brasileira tem especificidades que nos diferenciam de qualquer lugar do mundo, sendo reconhecida pela qualidade e dimensão de sua produção. Diante disso, aos poucos, a acreditação brasileira pode se destacar como um modelo a ser seguido por outros países. Por fim, vale destacar que o processo de acreditação certamente irá requerer aprimoramento e, aos poucos, o feedback da própria comunidade nos indicará o caminho para isso. O processo de acreditação é de todos nós. Assim, a Diretoria, o Conselho e a Comissão de Acreditação continuarão abertos ao diálogo e ao debate construtivos. ■

Roberta Kovac é psicóloga e mestre em Psicologia Experimental: Análise do Comportamento pela PUC-SP. Na Associação Paradigma, atua como professora no Mestrado em Análise do Comportamento Aplicada e na Qualificação em Clínica Analítico-Comportamental.

qualificação avançada em
**ANÁLISE APLICADA DO COMPORTAMENTO
AO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA E
ATRASO NO DESENVOLVIMENTO**

coordenação

**CÁSSIA LEAL DA HORA
LYGIA T. DORIGON**

objetivo

O curso visa a capacitar profissionais para o planejamento e a aplicação de intervenções analítico-comportamentais em indivíduos com diagnóstico de Transtorno do Espectro Autístico e Atraso no Desenvolvimento.

público-alvo

psicólogos e profissionais das áreas de saúde e educação

programa

carga horária total de 502 horas, divididas em 162 horas de prática supervisionada e 340 horas teóricas

dias e horários (quinzenalmente)

1º módulo

sexta-feira, das 16h45 às 22h

sábado, das 9h às 16h; a partir do 2º módulo, das 8h às 16h

início

agosto 2015

duração

2 anos

local

Associação Paradigma



centro

paradigma

ciências do comportamento

www.nucleoparadigma.com.br

Rua Wanderley, 611

Perdizes São Paulo/SP

Tel. 11 3672 0194

CRP 06/5164-J

qualificação avançada em

TERAPIA ANALÍTICO-COMPORTAMENTAL

coordenação

JAN LUIZ LEONARDI
ROBERTO ALVES BANACO

Integração entre filosofia, teoria e técnica para uma formação de excelência

Corpo docente de altíssimo nível

Conteúdo apresentado de forma gradual em 12 disciplinas

público-alvo

psicólogos e médicos com residência em psiquiatria

programa

quatro módulos semestrais com **520 horas**, distribuídas em: **340 horas** de disciplinas teóricas e atividades de pesquisa **180 horas** de atendimento clínico supervisionado (60 horas de atendimento e 120 horas de supervisão)

início

agosto de 2015

Investimento

Matrícula R\$ 656,00 +
23 parcelas de R\$ 656,00*

(*) parcela com desconto para vencimento no dia 1 de cada mês a partir de agosto.

Veja também nosso plano de bolsa-pesquisa

dias e horários

aulas quinzenalmente, sextas das 20h às 22h;
sábados das 8h30 às 18h30

horário de supervisão quinzenalmente, sextas das 13h às 16h;
ou terças, ou quartas, ou quintas, das 19h às 22h



centro
paradigma

ciências do comportamento

www.nucleoparadigma.com.br

Rua Wanderley, 611

Perdizes São Paulo/SP

Tel. 11 3672-0194

CRP 06/5164-J

CURSO DE FORMAÇÃO EM (OBM) ORGANIZATIONAL BEHAVIOR MANAGEMENT

**INÍCIO EM
AGOSTO DE 2015**

OBJETIVOS

Apresentar os conceitos e as ferramentas propostas pela Organizational Behavior Management (OBM). Capacitar os participantes do curso a (1) analisar organizações, processos e tarefas e (2) elaborar e implementar estratégias comportamentais em organizações que visam à melhora de desempenho.



ESTRATÉGIAS DIDÁTICAS

Serão apresentadas aulas teóricas (35 horas) e atividades práticas de coleta de dados e uso de instrumentos em empresas (30 horas) e supervisão das atividades (35 horas).



TEMAS ABORDADOS

- Análise ABC
- Motivação
- Alvos de Intervenção
- Instrumentos de Intervenção
- Planejamento de Intervenção



COORDENAÇÃO

Dr. Cândido Pessoa
Ms. Gabriel Careli



PROFESSORES

Gabriel Careli
Cândido Pessoa
e professores convidados.

DURAÇÃO

20 encontros distribuídos em 2 semestres.

HORÁRIOS

Terças-feiras (quinzenalmente) das 19h30 às 23h para aulas teóricas e supervisão.
27 horas de atividades práticas na organização.



CALENDRÁRIO DE AULAS PARA O 2º. SEMESTRE DE 2015

AGOSTO	SETEMBRO	OUTUBRO	NOVEMBRO	DÉZEMBRO
04 e 11	01, 15 e 29	20	10 e 24	01 e 15

PÚBLICO-ALVO*

Profissionais formados que atuam na gestão de pessoas e processos e estudantes de último ano de curso superior.
(* Necessidade de leitura no idioma inglês.



INVESTIMENTO

10 parcelas de R\$ 448,00



centro
paradigma
ciências do comportamento

INFORMAÇÕES

Fone: 11 3672-0194
www.nucleoparadigma.com.br
facebook.com/nucleoparadigma

formação em CLÍNICA ANALÍTICO-COMPORTAMENTAL INFANTIL

coordenação

ANA BEATRIZ D. CHAMATI
LYGIA T. DORIGON
JOANA SINGER VERMES

início

fevereiro de 2016

datas

fevereiro a dezembro de 2016
sextas-feiras,
das 13h às 16h (supervisão)
das 16h30 às 19h (disciplina teórica)

carga horária

50 horas de aulas teóricas (que podem
ser cursadas independentemente)
54 horas de supervisão
25 horas de prática clínica

local

Associação Paradigma



centro

paradigma
ciências do comportamento

Rua Wanderley, 611
Perdizes São Paulo/SP
Tel. 11 3672-0194
CRP 06/5164-J

Inscrições e informações
www.nucleoparadigma.com.br

CURSO DE APRIMORAMENTO EM ORIENTAÇÃO PARENTAL: ANÁLISES E PROCEDIMENTOS

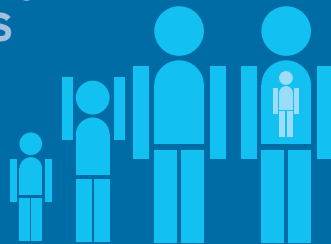
Uma parceria entre a Associação Paradigma e a Unidade de Psiquiatria da
Infância e Adolescência da UNIFESP

Coordenação

ANA BEATRIZ D. CHAMATI
CLARISSA PEREIRA

início

fevereiro de 2016



Público-alvo

profissionais e estudantes das áreas de
saúde e educação

Duração

20 encontros distribuídos em 2 semestres,
quinzenalmente, das 8h às 12h15

Horários

40 horas de teoria, das 8h às 10h
40 horas de supervisão, das 10h15 às 12h15
Atendimento clínico - 25h

O atendimento clínico pode ser realizado em consultório particular ou em estágio
supervisionado (80h) na UPIA - Unidade de Psiquiatria da Infância e Adolescência da UNIFESP.

parceria:



centro
paradigma
ciências do comportamento

www.nucleoparadigma.com.br
Rua Wanderley, 611
Perdizes São Paulo/SP
Tel. 11 3672-0194
CRP 06/5164-J

História de Vida

Deisy das Graças de Souza

por Ila Marques Porto Linares

Almejando ser professora, a trajetória de Deisy das Graças de Souza teve início com a formação de normalista, dando aulas particulares. Anos mais tarde, ela concluiu o curso de psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, onde se encantou pelo laboratório e realizou pesquisas com os professores Luiz de Oliveira e João Claudio Todorov.

Em 1974, Deisy foi contratada pela recém-fundada Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), para trabalhar no Departamento de Fundamentos Científicos e Filosóficos da Educação. Durante 15 anos, lecionou psicologia a diferentes cursos da área de saúde. Nesse período, defendeu sua dissertação de mestrado (1977) e sua tese doutorado (1981), ambas pela Universidade de São Paulo (USP), sob orientação da professora Carolina Bori. Depois, ainda realizaria estágio de pós-doutorado na University of Maryland Baltimore County (1984-1985) e no E. K. Shriver Center for Mental Retardation (1999).

Em 1989, como sempre teve interesse de lecionar e de participar diretamente da formação de psicólogos, aceitou o convite da

Universidade de Brasília (UnB) e se transferiu para o Instituto de Psicologia, onde trabalhou até 1992. No entanto, por motivos de saúde, Deisy regressou a São Carlos em 1993 e contribuiu à implantação do curso de psicologia da UFSCar, iniciado em 1994. Além disso, participou da criação do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da mesma universidade, em 2008.

Atualmente, é Professora Titular da UFSCar, docente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Educação Especial da mesma universidade, membro do Conselho da Sociedade Brasileira de Psicologia e do corpo editorial das revistas *Acta Comportamentalia*, *International Journal of Educational Psychology*, *The Analysis of Verbal Behavior* e *Psicologia: Reflexão e Crítica*. Além disso, coordena o Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia (INCT) sobre Comportamento, Cognição e Ensino – o único em psicologia no Brasil.

Com inúmeros artigos publicados em diferentes periódicos nacionais e internacionais (e.g., JEAB e JABA), as pesquisas de Deisy

transitam entre as áreas básica e aplicada. Aprendizagem relacional, equivalência, função simbólica, aquisição de leitura e escrita, análise e programação de condições de ensino são apenas alguns dos temas estudados por seu grupo de pesquisa.

Em maio, Deisy foi premiada pelo grupo de interesse em Análise Experimental do Comportamento Humano, da *Association for Behavior Analysis International (ABAI)*. Honrada, ela atribui o prêmio à dedicação profissional, mas afirma que ele também simboliza o reconhecimento da análise do comportamento no Brasil, bem como do esforço em fazer ciência com seriedade no país. A professora ainda dedica o prêmio àqueles mestres que, desde o início, se empenharam na construção da análise do comportamento no Brasil.

Conforme descrito brevemente, a produção científica e técnica de Deisy é extensa, assim como seu incansável envolvimento em diferentes frentes de trabalho.

Uma de suas marcas corresponde à preocupação com a formação de profissionais competentes para lidar com os desafios e as exigências

Em maio, Deisy foi premiada pelo grupo de interesse em Análise Experimental do Comportamento Humano, da *Association for Behavior Analysis International (ABAI)*. Honrada, ela atribui o prêmio à dedicação profissional, mas afirma que ele também simboliza o reconhecimento da análise do comportamento no Brasil, bem como do esforço em fazer ciência com seriedade no país.

inerentes à atividade do analista do comportamento. A seriedade e o comprometimento com sua atividade profissional inspiram todos aqueles que tiverem disposição de aprender.

Uma de suas marcas corresponde à preocupação com a formação de profissionais competentes para lidar com os desafios e as exigências inerentes à atividade do analista do comportamento. A seriedade e o comprometimento com sua atividade profissional inspiram todos aqueles que tiverem disposição de aprender.

Nesse sentido, professora Deisy, agradeço – em meu nome e em nome de muitos colegas – por contribuir diretamente à nossa formação! ■

Ila Marques Porto Linares é psicóloga pela UFSCar, especialista em Clínica Analítico-Comportamental pelo Núcleo Paradigma, mestre em Neurociências e doutoranda em Saúde Mental pela USP-RP. Professora da Associação Paradigma, atua como terapeuta em consultório particular.

TÓPICOS AVANÇADOS EM CLÍNICA ANALÍTICO-COMPORTAMENTAL

O curso visa a um aprofundamento teórico sobre temas tradicionais em análise do comportamento, a fim de aplicá-los a casos clínicos. Com este propósito, pretendemos, em encontros periódicos, dar subsídios para que terapeutas e estudantes possam reciclar seus conhecimentos e se apropriar de ferramentas para a produção de conhecimento a partir de sua prática clínica.

data
as datas são informadas no site

horário
das 8h30 às 12h30



www.nucleoparadigma.com.br
Rua Wanderley, 611
Perdizes São Paulo/SP
Tel. 11 3672 0194
CRP 06/5164-J

LIVRARIA VIRTUAL DA ASSOCIAÇÃO PARADIGMA CENTRO DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA DO COMPORTAMENTO



Somente títulos relacionados ao
behaviorismo radical, à análise do
comportamento e a áreas afins.

Acesse:

www.nucleoparadigma.com.br/loja



Aplicação

A experiência do Método FRIENDS:
Uma possibilidade de prevenção e de promoção de
"saúde mental" em larga escala no Brasil?

Larissa Zeggio, Yara Nico e Jan Leonardi

"A vida é uma escola onde a gente precisa aprender a
ciência de viver para não sofrer" (Ary Barroso)

Dados epidemiológicos sobre depressão revelam com clareza uma tendência de aumento de sua incidência na população (Hidaka, 2012). Pesquisas realizadas pela Organização Mundial de Saúde (OMS) sobre o impacto de 291 doenças indicaram que, em 1990, a depressão era a quarta principal causa de perda de vida por anos de incapacidade (DALY); em 2000, aparecia como terceira; em 2010, como segunda e, até 2030, estima-se que será a principal causa (Murray et al., 2012a, 2012b, 2012c).

Por conta desse aumento, diz-se que há uma "epidemia silenciosa" de depressão. Os dados parecem indicar que seus determinantes são predominantemente de origem social, aspectos inerentes às sociedades pós-modernas, levando à necessidade de repensar as intervenções em saúde mental.

O tratamento de indivíduos que já apresentam sofrimento psicológico certamente deve ser mantido, mas é imprescindível investirmos, como sociedade, em estratégias relacionadas à prevenção de fatores de risco e

à promoção de fatores de proteção em saúde mental. Evidências apontam que os transtornos mentais são, basicamente, desenvolvimentais. Isto é, são o extremo de um *continuum* de inabilidades e de sofrimento crescente ao longo da vida. Além disso, transtornos mentais em jovens comprometem sua habilidade de resolver tarefas normais do desenvolvimento

O tratamento de indivíduos que já apresentam sofrimento psicológico certamente deve ser mantido, mas é imprescindível investirmos, como sociedade, em estratégias relacionadas à prevenção de fatores de risco e à promoção de fatores de proteção em saúde mental.

(e.g., estabelecer relações interpessoais saudáveis, obter sucesso acadêmico e ingressar no mercado de trabalho), afetando ainda a vida de outros membros da família (Committee on Evaluation of Children's Health et al., 2004; Kellam, Koretz & Mościcki, 1999; Shonkoff & Phillips, 2000).

Nas últimas duas décadas, o movimento de promoção de saúde mental tem se intensificado e, apesar de ainda incipientes, programas de prevenção e de promoção de saúde mental

em populações jovens têm sido desenvolvidos e utilizados de forma bastante satisfatória em vários países. Determinar quais desses programas são baseados em evidências é importante para assegurar que os esforços e os investimentos em intervenções com esses objetivos propiciem impacto positivo na vida das pessoas, a um custo econômico compatível.

O Método FRIENDS é um desses protocolos baseados em evidências científicas. Desenvolvido na Austrália na década de 1990

O Método FRIENDS é um desses protocolos baseados em evidências científicas. Desenvolvido na Austrália na década de 1990 e recentemente implementado no Brasil, tem por objetivo aumentar habilidades socioemocionais, promover resiliência e prevenir ansiedade e depressão em crianças e jovens, sendo recomendado pela OMS.

e recentemente implementado no Brasil, tem por objetivo aumentar habilidades socioemocionais, promover resiliência e prevenir ansiedade e depressão em crianças e jovens, sendo recomendado pela OMS. Ele foi aprovado em

2012 pelo *National Registration of Evidence-Based Programs and Practices* (NREPP) e citado como prática efetiva em habilidades socioemocionais no CASEL Guide da *Collaborative for Academic, Social and Emotional Learning*. O programa vem sendo pesquisado cientificamente desde sua elaboração e é utilizado em mais de 20 países (e.g., Suécia, Alemanha, Holanda, México, Hong Kong, Estados Unidos, África do Sul e Portugal), em cerca de 900 mil crianças e jovens, além de fazer parte de intervenções bem-sucedidas em políticas públicas da Inglaterra, Irlanda, Canadá, Escócia e Austrália.

FRIENDS é um acrônimo que descreve os comportamentos ensinados no programa. A analogia com a palavra AMIGOS mostra que fazer amigos, ser um bom amigo e ter seu próprio corpo como amigo podem nos ajudar a viver melhor e mais felizes. As sessões incluem atividades lúdicas e são percebidas

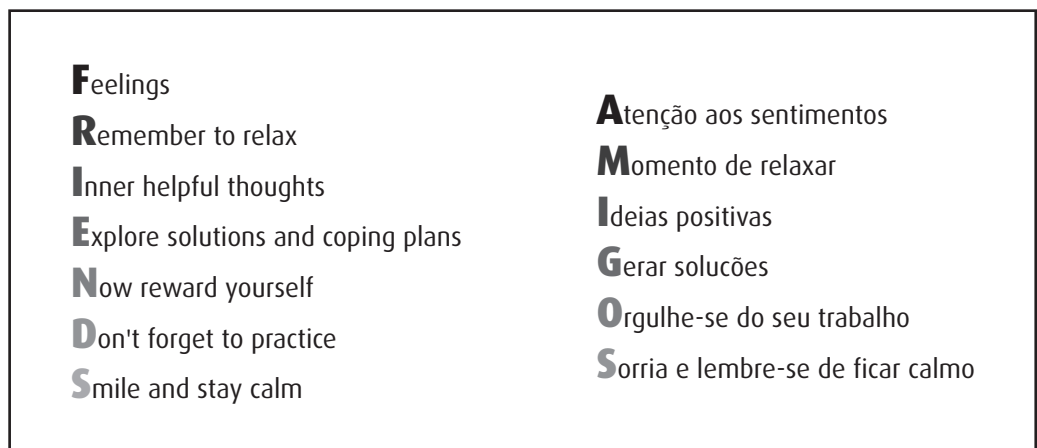


Figura 1. Acrônimo do Método FRIENDS e sua adaptação para a língua portuguesa, mostrando os comportamentos desenvolvidos ao longo do programa.

como um espaço para se fazer novos amigos ou estreitar laços de amizades, facilitando o engajamento dos participantes e familiares.

FRIENDS está baseado em (a) técnicas da terapia cognitivo-comportamental (TCC), consideradas padrão-ouro para prevenção e tratamento de ansiedade e depressão; (b) pressupostos e técnicas da psicologia positiva, com foco em promoção de saúde; (c) fundamentos das neurociências, que justificam o treino sistemático de práticas de vida saudável, como exercícios físicos regulares e exposição ao sol e à natureza, alimentação equilibrada e aspectos básicos de higiene do sono.

O protocolo está organizado em 14 encontros de 90 a 120 minutos: 10 encontros de atividades para grupos de crianças e/ou jovens, dois encontros posteriores de reforço e dois encontros para a comunidade (i.e., pais, família estendida, professores e cuidadores). O conteúdo dos 10 encontros obedece à sequência de competências apresentadas no acrônimo FRIENDS/AMIGOS. Os dois encontros para a comunidade ensinam estratégias para aumentar resiliência em casa e na escola, suporte familiar e dos pares, promoção da prática de resolução de problemas em vez da esquiva/ansiedade e estratégias parentais como reforçamento positivo, modelagem e ignorar planejado (extinção).

Em relação ao público-alvo, o Método está organizado em quatro faixas etárias que apresentam o mesmo arcabouço teórico e técnico, mas com atividades ajustadas para realização e interesse do grupo etário alvo: Nível I: *Fun Friends*, para pré-escolares e escolares sem completa alfabetização, de 4 a 7 anos; Nível II:

Friends for Life, para escolares de 8 a 11 anos; Nível III: *My Friends Youth*, para adolescentes de 12 a 17 anos; Nível IV: *Strong not Tough*, para jovens a partir de 18 anos, inicialmente

FRIENDS está baseado em (a) técnicas da terapia cognitivo-comportamental (TCC), consideradas padrão-ouro para prevenção e tratamento de ansiedade e depressão; (b) pressupostos e técnicas da psicologia positiva, com foco em promoção de saúde; (c) fundamentos das neurociências, que justificam o treino sistemático de práticas de vida saudável, como exercícios físicos regulares e exposição ao sol e à natureza, alimentação equilibrada e aspectos básicos de higiene do sono.

pensado para aprofundar a participação e o treinamento de pais e cuidadores como estratégia de intervenção ultraprecoce.

Cada faixa etária do Método possui materiais estruturados direcionados ao participante (livro de atividades) e ao facilitador (manual) responsável por mediar a intervenção. Os manuais visam a garantir a integridade de aplicação do protocolo e sua efetividade, embora atividades possam ser adaptadas.

Profissionais provenientes das áreas de saúde e educação, desde que devidamente capacitados e supervisionados, podem implementar o Método em diferentes públicos e contextos, auxiliando na proposta de ação em larga escala.

O corpo de evidências produzido sobre o Método FRIENDS o coloca em posição privilegiada. Dados de sua efetividade são encontrados em: adaptação para outros países, para minorias étnico-culturais, para crianças em situação de risco econômico e social, em comunidades violentas, mediado por não psicólogos, fora do ambiente clínico, etc. Cerca de 13.000 crianças e jovens participaram dessas pesquisas científicas e a eficácia em diferentes medidas foi avaliada, como ansiedade, depressão, resiliência e comportamentos pró-sociais.

Além dos resultados individuais de ensaios clínicos em diferentes países, meta-análises corroboram a eficácia do FRIENDS. Em 2007, foram avaliados todos os programas austríacos de prevenção de ansiedade e depressão conduzidos em escolas e o FRIENDS foi o único a apresentar resultados de efetividade 12 meses após a intervenção, além de atender aos critérios de qualidade e às diretrizes da *Society for Prevention Research* (Neil & Christensen, 2007). Em 2009, meta-análise sobre programas de prevenção precoce no contexto escolar mostrou que o FRIENDS apresenta o maior número de ensaios clínicos publicados, com efetividade moderada imediatamente após a intervenção, chegando à efetividade moderada para alta (tamanho do efeito = 0.7) 36 meses após a intervenção (Neil & Christensen, 2009). Em prevenção, esses dados são interpretados positivamente em vista dos fatores protetores continuarem tendo poder para reduzir fatores de risco ao longo do tempo. Em 2011, outra

meta-análise mostrou que o FRIENDS era o programa mais utilizado para prevenção e, apesar de efetividade vista também em outros protocolos, FRIENDS era superior em efetividade (Fisak, Richard & Mann, 2011).

Portanto, o protocolo sistematizado denominado Método FRIENDS se apresenta ao Brasil como uma alternativa plausível e baseada em evidências para prevenção e promoção de saúde mental. É importante investir em pesquisas de validação cultural do Método para a população brasileira e analisar a consistência de sua efetividade em nossa realidade nacional. Dados preliminares no Brasil (Zeggio et al., em preparação) têm mostrado perfil similar ao encontrado em outros países, mesmo quando aplicado por educadores. Estudos robustos são necessários para corroborar esses achados preliminares e devem ser estimulados. A utilização do FRIENDS em ações de larga escala e políticas públicas se mostra promissora e deve ser considerada com atenção. ■



Crianças praticam "respiração canudinho", técnica de relaxamento e diminuição de ansiedade, em um grupo de intervenção do Método FRIENDS em São Paulo.

Referências

Committee on Evaluation of Children's Health et al. (2004). *Children's health, the nation's wealth: Assessing and improving child health*. Washington, Estados Unidos: National Academies Press.

Fisak, B. J., Richard, D. & Mann, A. (2011). The prevention of child and adolescent anxiety: A meta-analytic review. *Prevention Science, 12*, 255-268.

Hidaka, B. (2012). Depression as a disease of modernity: Explanations for increasing prevalence. *Journal of Affective Disorders, 140*, 205-214.

Kellam, S. G., Koretz, D. & Mościcki, E. K. (1999). Core elements of developmental epidemiologically based prevention research. *American Journal of Community Psychology, 27*, 463-482.

Murray, C. J. L., Ezzati, M., Flaxman, A. D., Lim, S., Lozano, R., Michaud, C., . . . Lopez, A. D. (2012a). GBD 2010: Design, definitions, and metrics. *Lancet, 380*, 2063-2066.

Murray, C. J. L., Ezzati, M., Flaxman, A. D., Lim, S., Lozano, R., Michaud, C., . . . Lopez, A. D. (2012b). GBD 2010: A multi-investigator collaboration for global comparative descriptive epidemiology. *Lancet, 380*, 2055-2058.

Murray, C. J. L., Vos, T., Lozano, R., Naghavi, M., Flaxman, A. D., Michaud, C., . . . Lopez, A. D. (2012c). Disability-adjusted life years (DALYs) for 291 diseases and injuries in 21 regions, 1990-2010: A systematic analysis for the Global Burden of Disease Study 2010. *Lancet, 380*, 2197-2223.

Neil, A. L. & Christensen, H. (2007). Australian school-based prevention and early intervention programs for anxiety and depression: A systematic review. *The Medical Journal of Australia, 186*, 305-308.

Neil, A. L. & Christensen, H. (2009). Efficacy and effectiveness of school-based prevention and early intervention programs for anxiety. *Clinical Psychology Review, 29*, 208-215.

Shonkoff, J. P. & Phillips, D. A. (Eds.). (2000). *From neurons to neighborhoods: The science of early childhood development*. Washington, Estados Unidos: National Academies Press.

Larissa Zeggio é psicóloga, mestre em Ciências da Saúde, doutora em Ciências-Neurociência e pós-doutora em Cognição pela Unifesp. Atualmente, é diretora-técnica do Instituto Brasileiro de Inteligência Emocional e Social (IBIES), coordenadora de pós-graduação em neuropsicologia e professora de neurociências do CENSUPEG.

Yara Nico é psicóloga e mestre em Psicologia Experimental pela PUC-SP. Na Associação Paradigma, é professora da Qualificação em Clínica Analítico-Comportamental e integrante do Grupo de Pesquisa sobre Responder Relacional. Atua como terapeuta em consultório particular.

Jan Luiz Leonardi é psicólogo pela PUC-SP, especialista em Clínica Analítico-Comportamental pelo Núcleo Paradigma, mestre em Psicologia Experimental pela PUC-SP e doutorando em Psicologia Clínica na USP. Na Associação Paradigma, é professor do Mestrado em Análise do Comportamento Aplicada e coordenador da Qualificação em Clínica Analítico-Comportamental. Atua como terapeuta em consultório particular.

Análise do Comportamento e Educação

Green School, aprendendo com os sentidos:
Uma experiência verde em Bali

Ana Beatriz D. Chamati e Bia Alckmin

Há alguns anos o interesse em comum pela análise do comportamento e pela educação fez com que nossos caminhos se cruzassem. Desde então, temos realizado projetos juntos. Em abril, esse interesse nos levou até Bali, na Indonésia. Por meio do livro *Volta ao Mundo em Treze Escolas*¹, tivemos nosso primeiro contato com a *Green School*², uma escola de referência internacional. Ficamos tão interessadas em viver essa inovadora experiência de educação e em imergir na cultura balinesa que embarcamos para o outro lado do mundo.

Considerada uma das maiores arquiteturas de bambu já construídas, a escola teve início em 2008 com 98 alunos e hoje conta com mais de 400, vindos de 50 países diferentes para cursar do jardim de infância até o último ano do ensino médio. Seu diferencial começa pelo espaço físico: a luz natural (80%); os 16 hectares no meio da floresta, no coração da ilha de Bali; o rio Ayong, ao lado do espaço destinado à meditação; a horta construída pelas crianças; o alimento servido sobre folha de bananeira; os banheiros orgânicos; os pássaros e as borboletas amarelas por todo lugar; o espaço para brincar de lama; a vestimenta livre; as salas de aula sem paredes e, finalmente, a ponte aparentemente extraída de um desenho animado!

Os valores da escola são definidos por três regras básicas: (a) deixar o ambiente guiá-lo, (b) respeitar e se conectar com a cultura, os recursos e a comunidade balinesa e (c) conscientizar-se de que seus netos serão afetados pelas suas ações atuais. Tais valores são representados pelo acrônimo iRespect (euRespeito), cujo significado pode ser traduzido para o portu-



guês: integridade (*integrity*), responsabilidade (*Responsability*), empatia (*Empathy*), sustentabilidade (*Sustainability*), paz (*Peace*), igualdade (*Equality*), comunidade (*Community*) e confiança (*Trust*).

A *Green School* é uma escola preocupada em desenvolver seres humanos comprometidos com um futuro mais sustentável para o nosso planeta. Importância essa que dispensa explicações. Dentre tudo o que experienciamos, o que mais nos chamou atenção foi o processo de educação que promove tal objetivo, que questiona "se "mais do mesmo" é aceitável" nos dias de hoje e amplia as fronteiras da escola, buscando uma educação holística e centrada nos interesses do aluno.

A aprendizagem é promovida por meio da integração do aluno ao seu *ser como um todo*, o que envolve uma experiência sensorial, afetiva e social, não apenas intelectual. Há um cuidado permanente em desenvolver habilidades que estimulem o contato do estudante consigo mesmo e com o mundo exterior – tais como empatizar com o outro, respeitar as diferenças, enfrentar situações desafiadoras, resolver problemas, pensar crítica e criativamente, praticar *mindfulness* e se ligar à comunidade e à natureza. Isso ocorre sem descartar o rigor acadêmico e a aprendizagem de conteúdos fundamentais, como matemática, línguas (inglês, indonésio e francês), ciências, artes e "estudos verdes", atribuindo aos dois últimos a mesma importância dada às outras matérias. Nota-se ainda um forte incentivo aos esportes, incluindo o surf.

O dia de aula de um aluno do ensino fundamental é dividido em três períodos. Eles orientam a rotina da escola. O primeiro período é voltado à *integração*, isto é, à expressão

do aluno em sua integralidade, com aulas de diversos assuntos. O segundo período se destina à *proficiência*, quando se aprimoram competências intelectuais (e.g., matemática e línguas).

Há um cuidado permanente em desenvolver habilidades que estimulem o contato do estudante consigo mesmo e com o mundo exterior – tais como empatizar com o outro, respeitar as diferenças, enfrentar situações desafiadoras, resolver problemas, pensar crítica e criativamente, praticar *mindfulness* e se ligar à comunidade e à natureza.

O último período foca na *experiência*, por meio de atividades que incentivam o comportamento empreendedor. Juntas, as aulas abrangem várias dimensões da inteligência: (a) sinestética: desafios físicos; (b) emocional: desafios culturais e artísticos; (c) racional: desafios intelectuais e cognitivos e (d) espiritual: desafios intrapessoais.



No ensino médio, a *Green School* adota módulos com duração de cinco semanas cada um, possibilitando ao aluno elaborar seu próprio currículo com base em várias opções oferecidas. A liberdade para escolher o que será estu-

A rotina da escola oferece oportunidades de se fazer o que é reforçador. Alinhada à sua filosofia de educação, esta proposta respeita a individualidade, instiga o enfrentamento de dificuldades e desenvolve habilidades específicas de cada aluno.

gado permite um aprendizado sobre a responsabilidade das próprias escolhas, pois às vezes a escolha não agrada quando é experienciada durante um módulo. Além dos conteúdos selecionados pelos alunos, existem outras matérias: empresa verde, artes visuais, artes performáticas, educação física e educação ambiental.

Este ambiente de estudo remete ao questionamento de Skinner (1968): "O que reforça o aluno quando ele estuda?" (p. 138). Ao perguntarmos a uma criança como era estudar na *Green School*, ela respondeu que gostaria de ir à escola nos finais de semana. A proposta de ensino consegue manter o aluno envolvido graças às consequências naturais do comportamento de estudar. A rotina da escola oferece oportunidades de se fazer o que é reforçador. Alinhada à sua filosofia de educação, esta proposta respeita a individualidade, instiga o enfrentamento de dificuldades e desenvolve habilidades específicas de cada aluno. ■

Referências

Sidman, M. (1995). *Coerção e suas implicações* (M. A. P. A. Andery & T. M. A. P. Serio, Trad.). São Paulo, SP: Editorial Psy. (Trabalho original publicado em 1989.)

Skinner, B. F. (1968). *The technology of teaching*. New York: Appleton-Century-Crofts.

A *Green School* mostra que contingências planejadas, sem o uso de controle aversivo, promovem comportamentos pró-ativos na aprendizagem e não geram os subprodutos do controle aversivo, como ansiedade e medo. Sob estimulação aversiva (e.g., notas baixas e recuperação), os alunos estudam basicamente para evitar ou se livrar de punições (Sidman, 1989/1995).

Estudos mostram que o desenvolvimento de habilidades socioemocionais, como as cultivadas na *Green School*, diminuem a probabilidade de comportamentos de risco (e.g., abuso de drogas e violência). Fomentar o desenvolvimento dessas habilidades tem impacto positivo no desenvolvimento infantil e de adolescentes, um grande benefício para todos.

Como se pode notar, voltamos ao Brasil intrigadas sobre como a escola se organiza para alcançar tudo o que vimos. Dúvidas a serem desvendadas numa próxima viagem . . .

1 O livro pode ser baixado gratuitamente no site: <http://educ-acao.com/o-livro/>

2 Para saber mais, acesse: <http://www.greenschool.org>

Ana Beatriz Chamati é psicóloga pelo Mackenzie, especialista em Clínica Analítico-Comportamental pelo Núcleo Paradigma e mestre em Psicologia Experimental pela PUC-SP. Na Associação Paradigma, é coordenadora, professora e supervisora da Formação em Clínica Analítico-Comportamental Infantil. Atua como terapeuta em consultório particular.

Bia Alckmin é psicóloga pela PUC-SP e especialista em Clínica Analítico-Comportamental pelo Núcleo Paradigma. Tutora do programa Cogmed, atua como terapeuta em consultório particular.

Comportamento em Cena

Um Divã para Dois:

Discutindo estilos terapêuticos

Mariana Rezende e Thiago Monteleone

"Tenho pacientes que nunca deveriam ter se casado. Vocês não são um deles. Até mesmo ótimos casamentos têm anos péssimos. Tão péssimos que se fica tentado a desistir. Mas não desistam: aguentem firme. Chegará um tempo em que olharão para este momento como um prelúdio a algo maior e mais rico do que jamais sonharam" (Dr. Feld)

Na literatura clínica de psicologia, há um debate sobre o estilo de intervenção terapêutica e seus resultados na produção de mudanças comportamentais nos clientes. O filme *Um Divã para Dois*¹ é uma ótima oportunidade de se observar a evolução de um processo terapêutico, no qual destacam-se duas formas de intervenção – *prescritivas* e *reflexivas* – e seus efeitos nas personagens principais.

Dirigido por David Frankel e elenco formado por Meryl Streep, Tommy Lee Jones, Steve Carell, Elisabeth Shue, entre outros, *Um Divã para Dois* conta a história de Kay e Arnold, casal que há tempos não apresenta nenhum tipo de romantismo. Após 31 anos de matrimônio, a relação entre eles limita-se a compartilhar a rotina diária. Insatisfeita e querendo alterar a situação, Kay agenda para ambos um fim de semana de aconselhamento com Dr. Feld. Este auxiliará o casal a resgatar a intimidade, a comunicação e a paixão de tempos atrás.

Dr. Feld é um renomado terapeuta e escritor especializado na recuperação de relacionamentos amorosos. Kay se interessa pelo trabalho dele por meio de um de seus livros, *Você Pode Ter o Casamento que Quiser*. Mesmo sem o consentimento de Arnold, inscreve os dois no Centro Intensivo de Terapia para Casais. O marido, apesar de desqualificar o tratamento e de negar que o relacionamento precise de intervenção, aceita participar do encontro ao notar que a esposa o fará independentemente de sua presença.

Nos primeiros atendimentos, Kay mostra

O filme *Um Divã para Dois* é uma ótima oportunidade de se observar a evolução de um processo terapêutico, no qual destacam-se duas formas de intervenção – *prescritivas* e *reflexivas* – e seus efeitos nas personagens principais.

insatisfação com a falta de relações sexuais entre o casal e com a distância estabelecida entre os dois, após tantos anos de casamento. Arnold, por sua vez, ironiza a situação e afirma não ver motivo para realizarem o acompanhamento

to. Mesmo com poucas informações sobre os clientes e sobre a queixa trazida por eles, Dr. Feld define como objetivos do tratamento restaurar a intimidade, diversificar as formas de comunicar necessidades e desenvolver maneiras de sustentar a intimidade, além de estabelecer mudanças a serem realizadas na dinâmica do casal, prescrevendo-lhes tarefas.

É impossível não se sensibilizar com o modo como é reproduzida a dinâmica do casal após longo período de convivência. O sofrimento de Kay à indiferença de Arnold e a aparente insensibilidade deste aos sinais de aproximação da esposa (quando não às suas desculpas) são aspectos fundamentais para ela buscar ajuda profissional.

Ainda nos atendimentos iniciais, Dr. Feld adota intervenções *prescritivas*, aqui compreendidas como ações do terapeuta que visam ao estabelecimento de regras para os clientes, seja por meio de interpretações, conselhos ou até mesmo manipulações diretas de contingências (Rodrigues et al., 2015; Zamignani, 2007). Este

padrão fica evidente nas aprovações e nas desaprovações do terapeuta às atitudes do casal, nas etapas definidas e nas tarefas solicitadas ao final de cada sessão.

Intervenções prescritivas geralmente estão associadas ao desenvolvimento de padrões de resistência do cliente, caracterizados por comportamentos de oposição (Rodrigues et al., 2015; Zamignani, 2007). Não à toa, Arnold, além de descartar a necessidade de intervenção, diminui a credibilidade em Dr. Feld quando este desaprova suas ações e determina objetivos a serem alcançados com prazo. Em diversos momentos, opõe-se ao terapeuta e se mostra agressivo nas sessões. Aliás, mesmo Kay, aparentemente mais engajada no processo terapêutico, começa a demonstrar resistência e dificuldade em atender às recomendações de Dr. Feld, à medida que o terapeuta aumenta a complexidade das tarefas, visando a modificar o grau de intimidade do casal.

O estilo de intervenção prescritivo adotado por Dr. Feld afeta direta e imediatamente a di-





nâmica do casal durante o período de intervenção. É visível o grau de aversividade presente nas discussões com o terapeuta e nas tarefas e exercícios solicitados. Apesar do humor existente nas cenas em que Arnold e Kay buscam seguir as orientações do terapeuta, as tentativas do casal não produzem o efeito esperado por Dr. Feld, comprometendo ainda mais a intimidade entre eles. Além de não atingir os objetivos almejados nas sessões iniciais, a forma como Dr. Feld age na interação com os clientes prejudica, também, o sucesso da terapia.

Nota-se quanto o processo terapêutico é doloroso para Kay e Arnold pelo modo como se comportam em sessão.

Ao adotar estilo prescritivo, no entanto, o terapeuta evoca assuntos difíceis e se mostra (aparentemente) insensível ao desconforto do casal. Conforme já mencionado, observa-se neste momento do processo comportamentos de resistência, agressividade e oposição por parte dos clientes, além de fuga da terapia em momentos "insustentáveis". Tais comportamentos estão relacionados ao controle aversivo de Dr. Feld.

Após algumas sessões marcadas por discussões entre o casal, atritos entre Dr. Feld e Arnold, assim como prescrições que não surtiram efeito, mudanças na forma de intervenção alteram consideravelmente o processo terapêutico. O terapeuta passa a adotar uma postura reflexiva, aqui entendida como ações do terapeuta que pretendem promover no cliente auto-observação e construção de autorregas sem recomendações, conselhos ou regras externas (Rodrigues et al., 2015; Zamignani, 2007).

Dr. Feld passa a solicitar reflexões ao casal, isto é, explicações, detalhamentos e interpretações, buscando levá-los ao estabeleci-

As modificações nas intervenções de Dr. Feld fomentam a discussão sobre o estilo terapêutico de psicólogos clínicos, tornando o filme recomendável não apenas para quem busca um bom roteiro, mas também para quem almeja reflexões acerca de práticas terapêuticas.

mento de relações entre os fatos descritos. A partir deste momento, eles começam a expor insatisfações e queixas sobre o casamento. Assim, tanto Arnold quanto Kay apontam algumas causas dos problemas enfrentados no relacionamento.

Nas últimas sessões, quando passam a frequentar a terapia individualmente, há aumento na frequência das solicitações de reflexão, o que promove resultados melhores em comparação ao início do processo. Arnold, ao perceber que está perdendo Kay e que talvez não tenha feito tudo o que poderia para salvar seu casamento, tenta promover as mudanças desejadas pela companheira. Contudo, mesmo produzindo uma maior aproximação de Kay, as tentativas não surtem os resultados esperados.

O casal encerra o atendimento com Dr. Feld deixando clara a apatia e a desmotivação com o insucesso da intervenção. O terapeuta, por sua vez, ressalta a aproximação entre os dois, expondo as diferenças entre o início e o término do processo terapêutico, além de propor a continuidade da intervenção com outro profissional na cidade do casal.

De volta à rotina, Kay e Arnold permanecem com a frustração e, quando o casamento está próximo do fim, o casal finalmente consegue ter uma noite de intimidade, o que modifica completamente a relação, reacendendo a paixão. O filme se encerra com a cerimônia de renovação dos votos matrimoniais. Presidida por Dr. Feld, Kay e Arnold discursam sobre as modificações que prometem fazer para que a relação permaneça harmônica e calorosa.

Com grandes atores e humor sutil, *Um Divã para Dois* é uma ótima oportunidade de se conhecer as particularidades de uma terapia de casal. Ao mesmo tempo, as modificações nas intervenções de Dr. Feld fomentam a discussão sobre o estilo terapêutico de psicólogos clínicos, tornando o filme recomendável não apenas para quem busca um bom roteiro, mas também para quem almeja reflexões acerca de práticas terapêuticas. ■

1 Em inglês, o título original é *Hope Springs*.

Referências

Rodrigues, D. D., Lima, C. F., Zamignani, D. R., Malavazzi, D. M., Simões Filho, E., Del Prette, G., . . . Mangabeira, V. (2015). Efeitos de intervenções reflexivas sobre o repertório do cliente no processo terapêutico analítico-comportamental. Em D. R. Zamignani & S. B. Meyer (Orgs.), *A pesquisa de processo em psicoterapia: Estudos a partir do instrumento SiMCCIT – Sistema Multidimensional para a Categorização de Comportamentos na Interação Terapêutica* (pp. 145–166). São Paulo, SP: Núcleo Paradigma.

Zamignani, D. R. (2007). *O desenvolvimento de um sistema multidimensional para a categorização de comportamentos na interação terapêutica* (Tese de doutorado). Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.

Mariana Rezende é psicóloga pela USJT e qualificada em Clínica Analítico-Comportamental pela Associação Paradigma. Atua como terapeuta em consultório particular e psicóloga escolar na APAE.

Thiago Monteleone é psicólogo pela USJT, qualificado em Clínica Analítico-Comportamental pela Associação Paradigma e mestrando em Ciências do Envelhecimento pela USJT. Atua como terapeuta em consultório particular.

O Cinema Paradigma abre as portas da Associação Paradigma para a comunidade, oferecendo conhecimentos da psicologia, especialmente da análise do comportamento, para a compreensão dos fenômenos do cotidiano. Representa uma atividade de responsabilidade social, contribuindo mensalmente com donativos para entidades assistenciais.

O Cinema Paradigma utiliza filmes como meio de reflexão e interpretação de temas relevantes sob a ótica da teoria analítico-comportamental. A partir de boas obras do cinema, profissionais de destaque na análise do comportamento discutem temas de nossa cultura e sociedade. As datas são divulgadas no site, e a inscrição é um quilo de alimento não perecível, ou uma lata de leite em pó. Como as vagas são limitadas, solicitamos que os interessados se inscrevam com antecedência no nosso site.

Confira as datas no site:
www.nucleoparadigma.com.br

cinema



paradigma



centro
paradigma
ciências do comportamento

Análise do Comportamento e Sociedade

Como a Análise do Comportamento pode contribuir à análise de movimentos sociais?

Fernando Albregard Cassas

A análise de fenômenos sociais sempre esteve no programa da Análise do Comportamento. Skinner, já em 1948, elaborou uma proposta de organização social baseada nos princípios do comportamento. Em outros momentos de sua obra (e.g., Skinner, 1953, 1971, 1987), ele também apresentou discussões sobre o tema. Além disso, outros analistas do comportamento desenvolveram análises de fenômenos sociais que dessem conta de explicar, cientificamente, a forma como as pessoas se comportam em grupo (e.g., Guerin, 1992).

Nas últimas décadas, especialmente, a Análise do Comportamento tem produzido pesquisas com o objetivo de refinar a explicação científica do comportamento social. Os conceitos de *metacontingência*, *contingência entrelaçada* e *macrocontingência* vêm sendo aperfeiçoados e aplicados a fenômenos sociais (Andery, Micheletto & Sérgio, 2005, Andery & Sérgio, 1999; Glenn, 1991; Todorov, Martone & Borges, 2005).

Um dos fenômenos que pode ser explicado pela Análise do Comportamento é o que se define como *comportamento político*. Esse conceito é usado, especificamente por autores

da Psicologia Política, para definir um tipo de ação que se relaciona exclusivamente à organização e à manutenção de um grupo social. Ou seja, um comportamento (ou conjunto de comportamentos) que tem como produto a definição de parâmetros que organizem a convivência entre as pessoas de um grupo social (Camino, 2001; Dávila, Founce, Guitiérrez, Lillo de la Cruz & Martín, 1998).

O objetivo deste texto é apresentar uma leitura analítico-comportamental de um fenômeno político específico: os movimentos sociais. Para isso, será realizada, inicialmente, uma apresentação da área da Psicologia Política e da possibilidade de interface com a Análise do Comportamento; em seguida, será apresentada uma proposta de interpretação científica dos movimentos sociais; por fim, será discutida a validade desse tipo de interpretação.

A Psicologia Política e o Conceito de Comportamento Político

Ações Coletivas, movimentos sociais, mobilizações sociais, agrupamentos e participação política são alguns dos fenômenos sobre os quais a Psicologia Política tem produzido co-

nhecimento nas últimas décadas. Pesquisas sobre o Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra – MST (Silva, 2001), o Movimento LGBT (Silva, 2006), o Movimento Estudantil (Mesquita, 2006; Ribeiro, 1998), entre outros, exemplificam os objetos que a área tem estudado. Esses trabalhos procuram discutir a organização, a participação das pessoas e a história dos movimentos. Ilustram, portanto, o comportamento político.

Na Análise do Comportamento, conforme já sinalizado, alguns conceitos são empregados para analisar fenômenos sociais: comportamento social, metacontingência, macrocontingência e contingência de suporte. Esses conceitos permitem uma descrição científica de fenômenos sociais. Mas eles dão conta de uma análise de fenômenos políticos? Ou eles possibilitam descrever o comportamento político como definido pela Psicologia Política? Ou, ainda, seria a Análise do Comportamento uma teoria compatível com a Psicologia Política?

Para responder às questões é necessário apontar uma característica epistemológica da Psicologia Política. Assim como a Psicologia, a Psicologia Política é uma abordagem de estudo com um objeto, mas não há um consenso interno na definição deste objeto, nem no método a ser utilizado para sua apreensão. Figueiredo (1992) define a Psicologia como um espaço de dispersão em que diferentes teorias (e.g., Análise do Comportamento, Psicanálise, Fenomenologia e Teoria Sistêmica) ocupam um mesmo *locus* no pensamento humano, mas com definições próprias de seu objeto e método. É possível utilizar a mesma definição para a Psicologia Política. Portanto, a Análise do Comportamento, assim como outras aborda-

gens, pode contribuir à produção de conhecimento sobre o comportamento político.

Além disso, Sandoval (1989), ao discutir aspectos microssociais para a análise dos movimentos sociais, aponta que uma parcela fundamental do estudo deve ser o comportamento do indivíduo. Em 2001, o autor propôs um *Modelo de Consciência Política* como forma de descrever o comportamento de um indivíduo ao participar de um movimento social. Essa noção dialoga com a proposta que Skinner (1953) apresenta ao afirmar que o comportamento do indivíduo deve ser analisa-

A Análise do Comportamento pode oferecer contribuições valiosas para a análise dos fenômenos políticos. Uma forma seria, inicialmente, a descrição em termos analítico-comportamentais dos *movimentos sociais*.

do como forma de compreensão do comportamento do coletivo. Sendo assim, a Análise do Comportamento pode oferecer contribuições valiosas para a análise dos fenômenos políticos. Uma forma seria, inicialmente, a descrição em termos analítico-comportamentais dos *movimentos sociais*.

Uma Proposta de Interpretação Científica de Movimentos Sociais

O conceito de movimentos sociais é definido por Melucci (2001) como "uma ação coletiva que luta contra um adversário específico para a apropriação e o controle de recursos valorizados por ambos" (p. 35). Para o autor, há necessariamente uma ruptura do sistema legal vigente do grupo. Portanto, um movimento social deve, por definição, usar meios que extrapolem o sistema de regras vigente. O que está descrito aqui, então, é um conjunto de indivíduos se comportando de forma entrelaçada, de ma-

neira a produzir acesso a um determinado reforçador. O reforçador só pode ser produzido, pela definição de Melucci, pelo entrelaçamento, e não pela atuação individual. Essa descrição combina em muito com os conceitos de contingências entrelaçadas e de metacontingência (Glenn, 1991). Tais conceitos podem ser uma ferramenta útil para análise comportamental dos movimentos sociais.

Um exemplo de movimento social é o MST que utiliza, como forma de luta, a ocupação de terras improdutivas – algo que transcende o limite da lei brasileira e, portanto, funciona

Esta é uma proposta de análise de movimentos sociais baseada na Análise do Comportamento. É necessária uma aplicação sistemática dela para testar sua validade e produzir seu refinamento.

como ferramenta de pressão ao governo federal em busca da reforma agrária. Nas ocupações ou manifestações do MST, é possível identificar um grupo de pessoas se comportando de forma entrelaçada – cada um servindo de condição discriminativa e selecionadora para respostas dos outros –, na direção de produzir um reforçador específico. Um dos produtos desse entrelaçamento é a aquisição de terra. Isso só é possível por meio desse entrelaçamento e não ocorreria se cada um dos indivíduos se comportasse sozinho. Uma questão que se coloca é se esse produto retroage sobre o entrelaçamento de forma a manter as mesmas pessoas se comportando de forma entrelaçada. Ou seja, o manifestante, ao conseguir a terra, permanece no movimento? Isso leva à questão de *como* a consequência, produzida pelo grupo, retroage sobre o comportamento do indivíduo participante do movimento.

Sendo assim, duas questões se colocam com relação à produção da consequência

"conquista da bandeira de luta – terra": de que forma ela retroage sobre o entrelaçamento presente no movimento social (sobre o grupo)? E de que forma essa consequência retroage sobre o comportamento do indivíduo, não apenas daquele que obteve a terra, mas também dos outros manifestantes?

Esta é uma proposta de análise de movimentos sociais baseada na Análise do Comportamento. É necessária uma aplicação sistemática dela para testar sua validade e produzir seu refinamento. Uma forma de construir esse teste seria (a) selecionar um movimento social, (b) levantar a história desse movimento (por meio de fontes formais), (c) selecionar participantes do movimento para descrever sua participação e sua história de participação política em outros movimentos, (d) comparar os dados obtidos dessas duas fontes e (e) organizar as informações em termos analítico-comportamentais (Cassas, 2007).

Esse processo pode resultar na descrição do modo como os movimentos estão organizados, bem como das formas de luta que produziram mais resultados. Com isso, seria possível o planejamento de ações futuras que visem a mudanças sociais mais efetivas. ■

Fernando Albregard Casas é psicólogo, mestre em Psicologia Social e doutor em Psicologia Experimental pela PUC-SP. Professor da Associação Paradigma, atua como AT e terapeuta em consultório particular.

Referências

- Andery, M. A. P. A., Micheletto, N. & Serio, T. M. A. P. (2005). Análise de fenômenos sociais: Esboçando uma proposta para a identificação de contingências entrelaçadas e metacontingências. *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, 1, 149-165.
- Andery, M. A. P. A. & Serio, T. M. A. P. (1999). O conceito de metacontingência: Afinal, a velha contingência de reforçamento é suficiente? Em R. A. Banaco (Org.), *Sobre comportamento e cognição: Aspectos teóricos, metodológicos e de formação em análise do comportamento e terapia cognitivista* (pp. 106-116). Santo André, SP: ESETec.
- Camino, L. (2001). Uma nova interlocutora no campo da psicologia do Brasil: A Sociedade Brasileira de Psicologia Política. *Revista Psicologia Política*, 1, 173-195.
- Cassas, F. A. (2007). *Contribuições da análise do comportamento ao estudo do comportamento político* (Dissertação de mestrado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP.
- Dávila, J. M., Fouce, J. G., Gutiérrez, L., Lillo de la Cruz, A. & Martín, E. (1998). La psicología política contemporánea. *Psicología Política*, 17, 21-43.
- Figueiredo, L. C. M. (1992). *Reflexões acerca das matrizes do pensamento psicológico*. Palestra proferida na Faculdade de Psicologia da PUC-SP.
- Glenn, S. S. (1991). Contingencies and metacontingencies: Relations among behavioral, cultural and biological evolution. Em P. A. Lamal (Ed.), *Behavioral analysis of societies and cultural practices*. New York: Hemisphere.
- Guerin, B. (1992). *Analyzing social behavior: Behavior analysis and the social sciences*. Reno, Estados Unidos: Context Press.
- Melucci, A. (2001). *A invenção do presente: Movimentos sociais nas sociedades complexas* (M. C. A. Bonfim, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Editora Vozes.
- Mesquita, M. R. (2006). *Identidade, cultura e política: Os movimentos estudantis na contemporaneidade* (Tese de doutorado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP.
- Ribeiro, M. A. (1998). *Enep (Encontro Nacional dos Estudantes de Psicologia): História e memória de um movimento* (Dissertação de mestrado). Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.
- Sandoval, S. A. M. (1989). Considerações sobre aspectos microssociais na análise dos movimentos sociais. *Revista Psicologia e Sociedade*, 4, 61-76.
- Sandoval, S. A. M. (2001). The crisis of brazilian labor movement and the emergence of alternative forms of working-class contention in the 1990s. *Revista Psicologia Política*, 1, 173-195.
- Silva, A. S. (2001). *A família como agente de conscientização nos acampamentos do MST* (Dissertação de mestrado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP.
- Silva, A. S. (2006). *Marchando pelo arco-íris da política: A parada do orgulho LGBT na construção da consciência coletiva dos Movimentos LGBT no Brasil, Espanha e Portugal* (Tese de doutorado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP.
- Skinner, B. F. (1972). *Mito da liberdade*. Rio de Janeiro, RJ: Edições Bloch. (Trabalho original publicado em 1971.)
- Skinner, B. F. (1977). *Walden II*. São Paulo, SP: EPU. (Trabalho original publicado em 1948.)
- Skinner, B. F. (1987). What is wrong with daily life in the western world? In B. F. Skinner (Ed.), *Upon further reflection* (pp. 15-31). Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice Hall.
- Skinner, B. F. (2000). *Ciência e comportamento humano* (10ª ed.) São Paulo, SP: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1953.)
- Todorov, J. C., Moreira, M. B. & Martone, R. C. (Orgs.). (2005). *Metacontingências: Comportamento, cultura e sociedade*. Santo André, SP: ESETec.



PÚBLICO-ALVO

Profissionais graduados em nível superior, em qualquer área de conhecimento, desde que seu tema de interesse seja o comportamento humano aplicado à sua área de formação e interesse.

- Cultura
- Desenvolvimento Atípico
- Desenvolvimento Sustentável
- Economia Comportamental
- Educação
- Marketing
- Organizações
- Processos Grupais
- Psicologia Ambiental
- Psicologia Clínica
- Psicologia do Esporte e da Atividade Física
- Saúde
- Segurança
- Segurança no Trabalho

MESTRADO PROFISSIONAL EM ANÁLISE DO COMPORTAMENTO APLICADA

Primeiro mestrado profissional
Stricto Sensu da área de psicologia
recomendado pela CAPES

ESTRUTURA DO CURSO

30 créditos (15 horas cada) distribuídos dentre as seguintes atividades:

DISCIPLINAS OBRIGATÓRIAS:	9 créditos
DISCIPLINAS ELETIVAS:	6 créditos
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO:	9 créditos
FORMAÇÃO COMPLEMENTAR OBRIGATÓRIA:	6 créditos

CORDENAÇÃO: Dr. CANDIDO PESSÔA
Dr. DENIS ROBERTO ZAMIGNANI

DURAÇÃO: 4 semestres

AULAS: 2^{as} e 3^{as} Períodos vespertino e noturno

INSCRIÇÕES E INFORMAÇÕES

tel: (11) 3672.0194

www.nucleoparadigma.com.br

facebook.com/pages/Núcleo-Paradigma

twitter.com/nucleoparadigma



centro

paradigma

ciências do comportamento



centro
paradigma
ciências do comportamento